



ESPELHOS
&
MIRAGENS

HANNA K.



ESPELHOS
&
MIRAGENS

HANNA K.

© 2017 por **Hanna K.**

A reprodução de parte ou do todo do presente texto,
em qualquer meio físico ou eletrônico, é expressamente proibida sem a
autorização prévia por escrito da editora, conforme garantido pela
Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Editora Responsável: Manuela Neves
Revisão: Manuela Neves e Isabella Araujo Oliveira
Capa: edição digital sob foto de Karine Gallas

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)

K., Hanna

Espelhos e miragens / Hanna K. – Franca: Editora Vira Letra – 2017

p. 374

ISBN: 978-85-68395-21-9

1. Ficção brasileira. I. Título

CDD: 869.96

PREFÁCIO

POR DIEDRA ROIZ

Minha primeira reação ao ser convidada para escrever esta apresentação foi puramente emocional.

Sim, eu confesso. Saí saltitando, inteiramente em êxtase, pela casa.

Um instante depois, minha felicidade foi abruptamente cortada pela próxima reação, igualmente intensa e passional:

Pânico!

Como escrever sobre essa história? Minha preferida de uma escritora que sempre me serviu como parâmetro, que me inspira e que admiro tanto?

Tentei recuperar minha racionalidade, a despeito do nervosismo que me fez tremer as mãos diante do papel e da minha mente em branco. Afirmei para mim mesma: “Você consegue, é só ler de novo”.

Assim fiz.

Apenas para confirmar o que, em meu íntimo, já sabia.

Estou para “Espelhos e Miragens” assim como Ana Paula está para Manuela. Completamente embevecida e apaixonada, sem ter como evitar o fascínio, a atração e o desejo irreprimível de senti-la sem distanciamento.

É impossível.

Mesmo depois de todos os anos que se passaram desde a primeira vez que li essa história – uma década, para ser mais exata –, não posso nem quero impedir que ela entre em mim de forma visceral.

É inevitável.

Eu não a reli. Eu a revivi, me revi, me refleti e me emocionei a cada parágrafo, linha e palavra traçados com tamanha precisão e maestria por Hanna K.

E, depois de chegar ao fim, me vi ainda mais incapaz de cumprir a missão que me foi delegada.

Não tenho como, nada será suficiente para descrever o que este livro significa, representa, causa e marca.

Está além das palavras.

Um sentimento muito mais profundo, que não existe para ser descrito nem compreendido e, sim, vivenciado.

Diedra Roiz

APRESENTAÇÃO

P O R H A N N A K .

Este é um livro que fala sobre o amor – sentimento inexpugnável, transformador, contraditório. Fala, sobretudo, desse amor que “não se pode tomar de assalto, nem se apoderar pela força”; o amor não-correspondido, intenso, visceral, mas também capaz de transformar profundamente todos à sua volta. Esta é, sobretudo, uma história de autoconhecimento e de autoaceitação, que desvela seu olhar para os desafios a serem enfrentados quando nos reconhecemos amando outro igual, dentro de uma sociedade heteronormativa.

Nesse sentido, esta obra cumpre um papel político: o de emprestar a sua voz para quem sofre ou sofreu pela homofobia. É necessário romper com o ciclo de invisibilidades e de silenciamentos impostos àqueles que não se enquadram nos modelos instituídos, às retiradas de nosso direito de ser, de se manifestar e de existir. Assim, falar de “literatura lésbica” não é apenas aplicar um rótulo àquilo que deve prevalecer acima dos enquadramentos; mas, agora, parece necessário essa autoafirmação como uma literatura que fala por uma minoria identitária, demarcando espaços dentro das intrincadas relações de poder.

E, pensando nisso, seria impossível não falar da mágica de escrever e publicar para este público que entende do que falamos.

Lembro-me da atmosfera febril que acompanhou a feitura dessa história: um capítulo de dez páginas por semana, postado no saudoso site de literatura homoerótica Xana in Box. Naquele momento, sentia que todas nós, que escrevíamos ali, com seriedade e desejo de fazer a diferença, estávamos realmente fazendo História. Muitas autoras daquele tempo – Ana Paula Enes, Karina Dias, Diedra Roiz, Wind Rose, Drey Damaso, Sara Lecter, entre outras –, estão, a cada dia, provando a qualidade literária de suas produções. E, se hoje, personagens LGBTQs estão cada vez mais

presentes nos produtos culturais que consumimos (como resultado das mobilizações pelos direitos humanos e em favor da diversidade), mais que nunca é necessário abrir espaço para o próprio LGBT falar sobre si, de suas especificidades, mostrando seu olhar diferenciado sobre sua própria identidade. Assim, a literatura produzida por LGBTs é, também, resistência.

Deixo meus agradecimentos a todas(os) as(os) queridas(os) amigas(os) que, de uma forma ou de outra, me ajudaram no processo, prestando inestimável ajuda no preparo desta obra. Em especial, à minha leitora crítica Pricilla “Anyá Lestat” (gratidão), que debateu intensamente a história no momento de sua feitura; às leitoras que acompanharam *Espelhos & Miragens*, ainda em 2005, e que contribuíram de forma entusiasmada com as suas vozes. À minha editora, Manuela Neves, que me deu forças para começar esse projeto – obrigada pela incrível paciência e dedicação; à Manu, pela paciência e pelo apoio incondicional em todos os momentos; a todas as incríveis autoras que rompem com o ciclo de invisibilidades, preconceitos e discriminações em torno da identidade lésbica; e à minha família, que sempre trouxe as melhores lições para serem vividas.

No último aceno, reproduzo o comentário da premiada escritora escocesa, Ali Smith, a respeito de suas obras: “eu não sou o meu livro, nunca serei o meu livro ou mesmo um livro. Sou uma pessoa e os livros têm que fazer o seu trabalho. Têm que ser livros e têm que ser os donos da história que contam”.

Vida longa.

Hanna K.

P A R A A M A N U ,

Q U E H A V E R I A D E V I R

"Ruins true refuge long last
Towards which so many false
time out of mind".

Samuel Beckett (*Lessness*, 1970)

VERÃO DE 2000

Estava em pé olhando para ela, lançando um olhar carregado de súplica. Uma chuva fina molhava meu corpo. Estava encharcada e, por dentro, uma tempestade me destroçava por inteiro, revolvendo minhas entranhas, moendo meus ossos.

A memória parece ser um refúgio óbvio para quem já viveu e, agora, remexe nas lembranças, apenas para chorar de novo, sentir o mesmo sabor, revisitar um cheiro ou, quem sabe, reinventar sensações.

Não há nada mais falso do que o tempo fora da mente. É nesse universo povoado de sons, imagens e odores que a vida submerge e se agita. Eu sei. Nada que tenha vivido naquele dia perdeu a intensidade até hoje. O céu escuro e riscado por finos relâmpagos, a luz tremulante da iluminação pública, o vento açoitando o meu rosto e as lágrimas se misturando à água da chuva.

Diante dela e de sua expressão desesperada, meu chão sumia. Eu não podia me aproximar mais. Ela estava como um animal acuado, de corpo tenso, agitado, recuando a cada passo meu, como se fosse eu a causa de seu sofrimento. E eu chorava por não poder fazer nada por ela... por ser incapaz de estancar o seu choro, a sua dor, a agonia pintada na atmosfera irreal. Eu a amava. E ela estava fugindo de mim.

Aquele adeus, sem palavras, foi a pior cena de minha vida.

U M A N O A N T E S

Engraçado quando você encontra alguém que não é um espelho seu. Nada se encaixa e você sente que alguma coisa está fora do lugar. E não consegue parar mais de olhar, procurando o que está errado. Quando percebe, tardiamente, não há como escapar daquela imagem que capturou você por inteiro.

Os espelhos.

Eles me fazem lembrar várias histórias... Narciso, apaixonado por si mesmo, aprisionado à sua imagem refletida no lago; aquela canção de Caetano... Lewis Carrol, que imaginou Alice em um país repleto de espelhos intrigantes. A cena antológica de “A dama de Xangai”, um filme “antigão” de Orson Welles... A frase que diz que os olhos são espelhos da alma. A Vênus, de Velásquez, admirando-se em um espelho que Cupido segura em suas mãos.

E Clarice Lispector.

Não foi ela quem disse que o espelho “é o espaço mais fundo que existe”? Li isso – certa vez – em um texto seu. Não me lembro mais em qual. Esqueci. Mas, o que quer que eu diga a respeito, nada parece responder sobre a minha fascinação.

– Já vai?

Minha mãe quis saber, vendo-me precipitar porta afora, apressadamente. Não queria parar para responder às suas perguntas e me contaminar com sua ansiedade.

– Tchau, mãe! – disse, batendo a porta. Ia para a universidade. Meu primeiro semestre.

Mal entrei no carro, mirei-me no retrovisor. Sim, podia ir: estava pronta.

Sempre fui uma empolgada com espelhos desde que entendi que eles são objetos que refletem o que desejamos ver. Não, não apenas isso

aprendi lendo um livro de Eco: os espelhos nos permitem olhar melhor o mundo. Ou simplesmente nos enxergar da mesma maneira que os outros nos veem. Ou não? Tudo bem... Não me importo em saber que nunca me vi realmente como sou e que tudo o que capturei no espelho nada mais é do que uma mera imagem invertida.

Eu sempre gostei dessa coisa narcisista de observar o próprio reflexo. Exagero, às vezes, mas logo me desfaço de qualquer culpa. Já vi muita gente fazendo pior do que eu. As academias estão lotadas desses deuses obcecados pela própria imagem. Quanto a mim, prometi que iria mudar... mas superar velhos hábitos leva tempo. Fui criada assim, para ser espelho, atrair olhares. E achava que era o que podia fazer de melhor.

Meu coração palpitava. Estacionei o carro. Ligo para Suzi.

– Você já está na universidade?

Meu tom ao telefone era ansioso e incisivo. Suzi estava, como eu, começando uma nova etapa na vida, repleta de expectativas, de desejos reprimidos. Eu mal podia controlar a euforia.

Eu iniciava o curso de Direito em uma concorrida universidade pública. Partilhava da excitação de estar ali, entre aqueles eleitos, em um curso de difícil acesso, no qual a disputa era espetacular. Eu realmente estava me sentindo no topo do mundo e com meu ego inflado. Minha família, então... Meu pai havia me presenteado com um carro novo, e minha mãe, aumentado as minhas pequenas mordomias. Obviamente, o fato de ter estudado em um dos melhores colégios da cidade facilitou essa conquista. Por outro lado, embora estudar nem sempre tivesse sido um enorme prazer, me esforcei para estar lá, no meio daqueles olímpicos de nariz tão empinado quanto o meu.

– Claro, amiga. Bem atrás de você!

Eu me virei automaticamente e me precipitei sobre o corpo dela, abraçando-a com força. Parecíamos duas crianças, girando abraçadas, rindo alto, falando ao mesmo tempo.

– Eu nem acredito! – falei ainda grudada a ela.

– Claro que acredita. Já comemoramos mil vezes.

Eu sabia, mas queria ouvir de sua boca. Nada mal se repetisse ali, mais uma vez, o nosso mantra: conseguimos!

Olhei emocionada para Suzana. Ela era minha amiga desde os primeiros anos da escola. Tínhamos crescido juntas. Sabíamos tudo uma da outra: as pequenas estratégias para escaparmos sorradeiras noite adentro, as intrigas, os fugazes casos de amor. Tudo mesmo. Ela era como uma irmã para mim, só que melhor.

Suzana é mais CDF do que eu. Tinha conseguido uma vaga no curso mais concorrido da universidade: Medicina. Queria ser oncologista. Só a ideia me dava arrepios:

– Será que você vai adotar um discurso científico e se tornar uma chatarra arrogante, e, eu, uma pretensiosa que sabe tudo sobre trapações verbais?

– Mas como você é boba, Ana Paula! Que ideia você tem das coisas...

As velhas broncas. Me achava uma incontrolável falastrona. Eu dizia coisas sem pensar, apenas por dizer, para provocar riso. Ela, não. Queria medir palavras, ir com cautela, prever as consequências. Era o meu pé no freio. Sempre foi.

– Brincadeirainha... Ei, o que vamos fazer depois da aula?

Ela fez uma careta engraçada. Como se já não soubéssemos. A agenda do dia estava determinada há meses: comemorar o nosso primeiro dia na universidade.

Nossa amizade dispensava meias-palavras. Então, sem ela confirmar ou não, encerrei o assunto:

– Mais tarde, no Kali?

O local em questão era um barzinho da moda, frequentado por nossa turma. Éramos como aves migratórias. Seguíamos um certo ritual que consistia em descobrir um *point*, ocupá-lo ruidosamente, beber todas, rir muito e paquerar bastante. Então, depois de ter tornado isso uma rotina, perdíamos o interesse. O *point* ficava manjado. Não aguentávamos mais nem passar na porta. Descobríamos outros. E partíamos todos de uma vez. E ninguém nos dizia o que fazer. Éramos assim: sem medidas, censuras ou falsos moralismos. Mas longe dos ruídos e das risadas, das brincadeiras sem sentido, minha máscara de menina pedante, independente e descontrolada ruía. E era Suzi quem estava lá para segurar as minhas pontas:

– Tudo certo, mas não vou ficar até tarde, não. Marquei uma saída com o Júlio.

O namorado dela. Para mim, um belo intrometido. Tinha chegado, se instalado sem pedir licença e, agora, dividia a metade do tempo livre da Suzi comigo. Uma bela droga. Eu bem que tentava tornar a proporção menos exata. Ela era justa demais para permitir.

– Ah, não, Suzi! Deveria ser um momento só nosso, esqueceu?

Ela me fitou com condescendência. Parecia me admoestar com os olhos: “deixe de ser criança”. Deu-me um abraço rápido e carinhoso, se despedindo.

– Vai ser como planejamos, prometo – disse com doçura. – Mas preciso ver meu namorado hoje.

Eu fiz uma cara de enfado, engoli a reclamação, e me despedi. Dependência. Era o que ganhava por meus pais não terem tido mais uma filha, e, sim, um garoto mimado e metido: Caio, meu único irmão, um ano mais novo. Dissimulado, traiçoeiro, mentiroso. Quase nunca tinha bons adjetivos para usar com ele. Brigávamos muito. E como varão numa família que prezava muito essa coisa primitiva do “homem da casa”, ele tinha mais regalias do que eu. Foi dele o primeiro carro zero, o computador turbinado e as viagens para o exterior. Racionalmente, eu entendia as premiações. Não conseguia, entretanto, aceitar tratamento diferenciado. Afinal, ele não se dava bem nos estudos: era um desligado, um molenga preguiçoso que adorava procrastinar. E adiar nunca foi comigo. Se ele não se dava bem nos estudos, entretanto, conseguia imenso sucesso nas pendengas domésticas. Nunca questionava. Admitia erros, pedia desculpas. Quanto a mim, batia de frente, não calava a maldita boca, chegava às últimas consequências.

Meu pai me chamava de insolente e de “rebelde sem causa”. E eu debochava dessas expressões. Na verdade, não conseguia aceitar o seu autoritarismo antiquado. Discutíamos para valer. Minha mãe, mesmo sem entender as minhas motivações, tentava mediar nossos conflitos. Agora, pelo menos, eu tinha obtido uma pequena vitória: estava fazendo o curso que meus pais queriam que eu fizesse. E meu futuro estava todo planejado. Engraçado, né? Eu nem mesmo sabia o que queria fazer daqui a

cinco anos e desde sempre fui conduzida para chegar àquele momento. Era de se esperar que muitas das rusgas, principalmente com meu pai, um advogado de prestígio na cidade, tivessem sido abafadas, esquecidas. Elas simplesmente não existiam mais. Pelo menos, não na cabeça dele. Agora eu era a “herdeira” de seu patrimônio intelectual. Menos mau se pudesse usar seus livros. Por dentro, entretanto, as velhas pendências ainda faiscavam. Meu pai queria que eu me curvasse aos seus desígnios. Eu, no entanto, queria escrever a minha própria história. Resistia. E estava sendo difícil administrar isso na minha cabeça.

Suspirei ao entrar na sala quase vazia. Rapazes e moças estavam conversando em um grupinho fechado. Depois, foram chegando mais pessoas, criando um certo burburinho. Conversas, olhares curiosos, ansiedade. Escolhi uma carteira e sentei-me calada. Estranhei a dureza da madeira e o design sem charme. O quadro de acrílico não estava tão limpo, as paredes desbotadas e, no chão, traços de sujeira. O tampo da carteira estava repleto de frases, desenhos e números. Tudo muito precário, bem diferente da escola onde estudei a minha vida inteira e que parecia um hospital de luxo com direito a playground. Tentei ignorar tudo aquilo. Pensei: universidade pública é assim mesmo, meio abandonada. Não adiantava ficar questionando isso logo no primeiro dia. Ia parecer uma esnobe.

“Mais do que já sou”, sorri comigo mesma.

Depositei a minha bolsa e a pasta na carteira ao lado. Olhei em torno. Sempre fui observadora, do tipo quieto, reflexivo, mas sem traços de timidez. O meu lado extrovertido é, para mim, bastante oportuno: comparece apenas quando estou entre amigos, contagiada pela euforia ou pela bebida. Sim, adoro beber. No último ano, tinha dado uma maneirada no álcool. Uns drinques a mais e, quando vi, tinha passado por cima de um cachorro que atravessava a pista, justamente quando voltava para casa depois de uma balada. Derrapei ruidosamente, bati a cabeça. As marcas

de pneus na pista mostravam a minha dança alucinada pelo controle do carro. Fiquei meia hora paralisada, olhando o cachorro morto. Poderia ter atropelado uma pessoa, fiquei pensando na hora. Resolvi não contar aos meus pais. Com certeza me dariam um sermão. Meus amigos fizeram piada. “Um cachorro vadio a menos”, disseram. Eu, por outro lado, não tinha achado graça alguma. Tinha ficado realmente assustada com o incidente.

Balancei a cabeça para espantar as memórias inoportunas. Saquei um livro da pasta. Novinho em folha. Então fiz meu velho ritual: abri no meio e sorvi o cheirinho do impresso. A melhor parte. O perfume logo seria consumido pelo tempo... Toquei a capa sedosa. Senti a textura. Virei as primeiras páginas. Comecei a ler. Nada como pregar os olhos em um livro para aplacar a ansiedade. Mergulhei meus olhos ali, naquelas palavras, e apaguei tudo em volta. Por quanto tempo?

– Tem alguém ao seu lado?

Uma voz de mulher: rouca, mas suave.

Levantei a vista e lancei meu olhar de curiosidade sobre ela. Senti uma vertigem. Ela e seu corpo, uma pintura imprecisa, incompleta, desarrumada. Magnética. A vertigem transformou-se em desconforto. Então, meio sem jeito, com os olhos dela em mim, fiz um movimento de cabeça dizendo que não. Tirei minha bolsa e a pasta da carteira que ela queria. A sala agora estava repleta e eu nem tinha percebido. A garota sentou-se ao meu lado. Colocou o capacete ao lado dos pés, cadernos e livros perto das mãos. Fiquei inquieta. Ela lançou um olhar investigativo sobre meu livro. Eu me mexi, incomodada.

– “A valsa do adeus”... Então, você lê Kundera? – perguntou em tom casual.

Eu não respondi. De repente tímida, desviei meus olhos de seu rosto. As palavras tinham sumido totalmente de minha mente, tragadas por um buraco negro enigmático. Nosso assunto mal tinha nascido e já descia a sete palmos. Parto prematuro e malogrado, como muitos. A garota deu de ombros. Nem se importou com meu silêncio. Tratou de olhar para frente e esticar as pernas. Observei discretamente as suas maneiras. Ela tomou seu caderno e abriu numa página qualquer. Começou a rabiscar. A

aula não tinha começado ainda e as pessoas, em rodinhas desalinhadas, conversavam baixinho. Um garoto tentava puxar assunto comigo. Perguntas óbvias sempre me deixam sem paciência.

A garota do lado continuava a escrever.

Aos poucos, lentamente, tentei arrumar o pensamento. Questionava-me por que, afinal, tinha hostilizado a garota. Quer dizer, eu não tinha tratado ela mal. O fato de não responder a uma pergunta não é uma grosseria grave. Pelo que sei é uma daquelas indelicadezas do trato social. Eu apenas ignorei sua tentativa de fazer amizade.

Amizade? Eu, particularmente, não sabia se desejava ou não ser amiga de uma figura como ela. A garota me parecia, naquele momento... (como diria sem parecer afetada e presunçosa?) *Humm...* meio sem rumo? Talvez fosse uma militante engajada, daquelas que não ligam para o cabelo em desalinho e as unhas sem esmalte. E eu, que sempre cultivei essa coisa de simetria, harmonia de cores, proporcionalidade, estava me sentindo mal ao vê-la exibir sua aparência largada e atitudes de “não-tô-nem-aí”. Ela não parecia ligar para a própria aparência e o impacto que provocava nas pessoas. O seu jeans tinha manchas de óleo; a camiseta já puída remetia a um evento universitário ocorrido um ano antes; o capacete, depositado no chão, estava repleto de decalques e riscos; o seu caderno, meio velho, estava cheio de páginas arrancadas; a caneta, pela metade. Tudo nela me incomodava. Desde o piercing na sobrancelha aos anéis e tatuagens.

Por que simplesmente não deixava de olhá-la?

Sim, por que não?

Talvez porque me sentisse mal por tê-la ignorado. É, eu poderia ter dito qualquer coisa – superficial – e encerrado o assunto. Ser gentil não me custaria nada, absolutamente, e não passaria a impressão de ser uma esnobe.

Por que me preocuparia com a sua opinião sobre mim?

Não tinha respostas. Olhei novamente para ela de soslaio. Queria dizer qualquer coisa, voltar atrás, puxar assunto, me redimir. Mas ela já estava perdida em seus devaneios, concentrada nas letras que punha em seu caderno. Percebi que escrevia um poema e não levantou mais a cabeça. Debruçada sobre a carteira, criou uma sombra sobre o texto. Eu, por outro lado, havia perdido a concentração em minha leitura. Passei a

observá-la, a sentir a pressão do ar. Algo denso e viscoso se formava em torno de mim, entre nós. Observava sua mão segurando a caneta esferográfica. Anéis, veias, feixes de músculos. Os pelinhos do braço, alourados pelo sol, reluziam. Era um braço forte, delineado. Senti o meu peito ficar apertado. Respirei fundo, com necessidade de um pouco de ar puro, fora dali. Mal me levantei e o professor de Filosofia entrou na sala. Desabei lentamente na carteira. Desisti de ir. Senti a tensão no peito se desfazer.

Agora, a atenção da turma estava no professor, um sujeito jovem, baixinho e de aspecto sorridente. Ele vai logo dizendo seu nome. Santia-go. Que cada um se apresente. Nome e intenções, de preferências. Meu nome: Ana Paula. O que mais confessaria? Que não sabia se estava no curso certo? Que meus pais tinham decidido isso por mim? Em vez de sinceridade, prefiro as meias-verdades. Estava ali para aprender o exercício da justiça. Frase babaca. Não tinha outra melhor na cabeça? Não naquele oco existencial. A garota do lado chamava-se Manuela. Tinha voz profunda, ritmada. Usava um tom meio irônico para se apresentar. Disse não acreditar em verdades absolutas e relativizava tudo o que podia. Esperava que a Filosofia conseguisse fazer brotar algumas sementes que jaziam mortas em sua mente inculta. Não fazia Direito. Estava ali para cursar aquela disciplina. Percebi que ela gostava de ler, definitivamente. Enquanto ela falava, observava sua boca. Perfeita, carnuda, úmida. A voz da garota provocava curtos-circuitos em meu corpo.

Na aula seguinte, o professor já foi pedindo para formar duplas e estudar um texto. E logo com quem fui ficar...? Com Manuela. Tínhamos que ler, interpretar, responder a um questionário. A garota, com ar experiente, tomou a dianteira. Pegou o texto, deu uma passada de olhos, e foi determinando quem iria fazer o quê.

– Eu posso ler e você escreve.

Como era mandona! Aquilo me deixou irritada. Reagi tomando o tex-

to de sua mão, quase rispidamente. Estranhei meu comportamento, mas não pude, nem quis voltar atrás. Eu precisava assumir o controle. Falei:

– Que tal eu ler e VOCÊ escrever?

Ela sorriu. Um sorriso lindo. Debochado. Eu estava sendo infantil, me senti ridícula.

– Tudo bem... – Ela deu de ombros e fixou seu olhar em mim.

Os seus olhos eram arrebatadores. Tinham a cor do asfalto, do tipo que parece tragar tudo em sua escuridão complexa. Mas de dentro deles – como pedaços de vidros sob o sol de meio-dia – irradiava um intenso brilho. Encaramo-nos. Estávamos como dois galos de briga na arena. Ela recolheu suas armas. Não queria encrenca. As minhas reações estavam sem sentido, inesperadas. Ela relaxou na carteira, esticou as pernas e cruzou os pés. Eu me senti desconfortável. Respirei fundo. Custei a equilibrar minha respiração. Minha voz ficou trêmula enquanto lia o texto. A garota evitou olhar para mim. Ficou concentrada, com o olhar distante. Quantos anos ela tinha? Dezoito anos? É, talvez ela tivesse a minha idade.

Discutimos o texto. Ela voltou a me olhar. Senti um arrepio percorrendo a pele. Disfarcei minha confusão de sentidos, segurei o ar, empertiguei o corpo. Ela cruzou os braços no peito e me encarou. Sua voz era firme:

– Vamos fazer o que temos que fazer e acabar logo com isso.

Ela me disse isso com um tom sério, parecendo associar o meu desconforto com uma possível rejeição de minha parte.

Percebi que as nossas diferenças superavam as coisas triviais: estavam justamente nas nuances. Havíamos saído de formas diferentes. Tinha plena consciência disso. E, ali, naquele momento, parecia evidente que estávamos apenas nos suportando.

– Eu concordo. Não há motivos para discussões inúteis.

Manuela discutiu cada ponto do texto com segurança, propriedade e uma certa erudição, associando tópicos do tema com outros autores que eu não conhecia. Ela me deixou intimamente surpresa. Não estava falando para me impressionar. Percebi que estava acostumada a participar de grupos de discussão, a interagir intelectualmente. Não batemos mais de frente. Acabei concordando com seus posicionamentos, fechamos o trabalho e apresentamos para a turma. O professor achou legal. Busquei

seus olhos, mas ela não estava mais a fim de estabelecer contato.

Nas aulas seguintes, ela se sentou bem longe de onde eu estava. Ignorou-me completamente. Eu não consegui fazer o mesmo: mal ela entrava na sala e eu já estava acompanhando sua trajetória com um olhar discreto. Eu continuava inexplicavelmente irritada com seu jeito folgado. Não sabia o que mais me incomodava nela: se o andar, as roupas ou o seu jeito de contrariar as minhas expectativas. Passava por mim como se eu não existisse. Nem sequer um comentário banal, olhares de viés, um meio-sorriso flutuando nos lábios... Eu não me conformava com aquela reação. Garota estúpida!

Eu não deveria ficar criticando-a, mas não me controlava. Sim, ela era diferente de todas as meninas que eu conhecia. Entretanto, imediatamente refleti que ela não foi a única. Ali, na universidade, talvez o primeiro impacto tenha sido o de perceber a convivência inevitável dos mais diferentes estilos: cabeludos, tatuados, malvestidos, engajados, neo-hippies, comportados, engomadinhos, gente de todo tipo, inclusive, gente como eu. Sabia, de antemão, que parte do charme de ser universitário era a possibilidade de quebrar as regras, lutar contra o status quo, engajar-se, obter um discurso contra a conformação.

Mas ela era...

O celular vibrou e me tirou do meio dessas reflexões. Era Ricardo. Seria bom ouvir a sua voz, marcar um encontro. Mas senti certo desânimo. Como era que Manuel Alegre dizia naquele poema "A praça da canção"? "Há sempre alguém que resiste, há sempre alguém que diz não". Quis atender e recomendar que ele me ligasse outra hora. O tal professor estava empolgadíssimo na aula. Detestava gente entrando e saindo. Muito menos conversando ao celular.

D U A S S E M A N A S D E P O I S

Eu já estava na sala quando ela entrou. O capacete debaixo do braço, a mochila nas costas. E tudo estava lá: o jeans, a camiseta, os tênis. Mas,

naquele dia, ela já não me parecia tão repugnante. Observei-a bem. Tinha traços bonitos. Corpo de um bronze quieto. Boca carnuda, bem desenhada, entreaberta num quase sorriso. Tinha um aspecto tranquilo, reservado. Pensando bem, a garota não era tímida, mas não gostava de se misturar. Será que fui a sua única tentativa de fazer amizade na turma? Não, tinha um rapaz – que sentava perto dela – com quem ela trocava ideias. Às vezes eu ouvia uns rabichos da conversa. Política. Manuela fazia parte do DCE da universidade. Estava sempre portando panfletos, distribuindo cartazes pelos quadros do campus, fazendo chamadas para eventos. Fora isso, recolhia-se indiferente. Não puxava conversa, não lidava com nossos assuntos. Entrava e saía da sala sem alarde. Durante a aula de Filosofia, a única a que assistia conosco, participava intensamente. Sempre tinha algo a dizer: de perguntas a colocações surpreendentes. E nessas ocasiões, como em outras, me sobressaltava com meus olhos nela. Até mesmo depois que silenciava.

Por que olhava tanto para ela?

Boa pergunta. Ela não era, absolutamente, meu espelho, a imagem simétrica que costumava ver em minhas amigas.

“E não usa nenhuma maquiagem”.

Pensava cada bobagem. Por que usaria? Seria até incoerente para ela, naquela pose que buscava o desconcerto, usar. Manuela era uma total fuga de padrões. Um desvio pelo avesso. Sim, podia assegurar que ela era a personificação de uma certa androginia. Cabelos curtos, voz possante, andar firme, gestos decididos.

Só tinha visto figuras como ela passando pela rua e não tão perto assim. E, mesmo distante, causavam-me um pouco de incômodo, como se algo estivesse fora do lugar. Reconhecia que a garota era andrógina, mas não percebia nela uma pose de macho. Braços torneados, seios firmes, um corpo magro e atlético. Se usasse vestido, poderia ficar mais feminina... É, mas vestida daquele jeito ela não fazia qualquer esforço para cultivar qualquer sinal de feminilidade. Parecia um menino. Um garoto bonito.

Percebia que seu corpo era deliciosamente sinuoso e, embora fosse um pouco mais alta que eu – acho 1,70 metros ou mais –, não era desengon-

çada. Ela tinha um porte daquelas estátuas gregas. Diana. Pronta para a caçada.

Em pé, seu corpo pendia meio para o lado, apoiado em uma das pernas, estabelecendo uma curvatura mágica na cintura e no dorso: músculos precisos, delineados e graciosos. Olhando para ela, diria, como Lisspector descrevendo as pequenas coisas perfeitas: “o que me tranquiliza é que tudo o que existe, existe com uma precisão absoluta”. Manuela.

Droga, ela continuava me enervando na aula.

Por quê? Talvez me fizesse perceber meu inevitável apego às coisas fúteis e às ideias da maioria. A garota tinha mania de ostentar suas diferenças gritantes meio a uma turma repleta de gente que queria apenas ser igual aos outros.

Eu era a personificação desse espírito consensual: sim, prezava a minha aparência, estava atenta aos detalhes de uma possível paquera, curti as mesmas baladas, andava nos mesmos barzinhos, vendo sempre as mesmas pessoas. Já ela... desafiava o coro dos contentes. Não estava nem ligando.

Quando se mora em uma cidade relativamente pequena, com pouco mais de um milhão de habitantes, pequenos detalhes fazem a diferença. Eu, com o meu sobrenome, as roupas de grife e a total indiferença aos problemas dos outros, estava no topo de uma famigerada cadeia alimentar... Uma espécie de darwinismo social, em que somente os mais ricos, bonitos e capazes se dão bem. Pelo menos, era o que eu acreditava naqueles dias.

E ela? Parecia totalmente inadequada, fora de lugar. Minha cabeça estava em parafuso. Por que ela não se importava com o que os outros pensavam? Sua inabalável autoconfiança me deixava nervosa. Se algum dia se importou com o fato de que, ao entrar na sala, alguns sussurravam – entre risinhos de crítica – um comentário malicioso para o colega do lado, nunca demonstrou.

– Essa garota...

Um rapaz me cochichou as suas suspeitas maliciosas sobre Manuela assim que ela passou por nós.

Naquele dia, tive que lidar com o ímpeto de engrossar as conversas a

seu respeito. Mas as minhas críticas inseguras não valiam... Na verdade, desejava, demais, saber sobre ela.

Uma semana depois, estava inquieta, nervosa, tensa com o assunto Manuela. Fazia rodeios para comentar com a Suzi. Quis disfarçar o tom sério. O que estava realmente me incomodando?

Eu não sabia dizer, de fato. A garota esquisita estava conseguindo me deixar intranquila, nervosa, irritada.

Arranjava motivos para discutir por bobagens, para ignorá-la em seguida, para deixar o clima ruim.

O que significava?

Suzi me olhou com um ponto de interrogação estampado na cara. A minha história sobre a garota e seus modos não estava convencendo-a.

– Por que ela está te incomodando tanto, Ana Paula? Ela está dando em cima de você por acaso?

Foi a minha vez de olhá-la e fingir surpresa com a pergunta.

– Não, claro que não! – respondi enfática. – A gente nem se fala.

– É, mas do jeito que você fala parece que a menina está pegando no seu pé...

– Não é isso, Suzi. É que ela é muito diferente, esquisita.

Ela estava deitada de barriga para baixo na minha cama, folheando uma revista (dessas que falam de moda e comportamento feminino) e, me ouvindo falar isso, se desvirou. Queria me olhar nos olhos. Respirou antes de falar. Era um antigo hábito. Quando ia me dizer algo sério, enchia o peito de ar. Profundamente.

– Ana Paula, você já percebeu que você é muito ligada nessa coisa de aparência?

Não era a primeira vez que a minha amiga me chamava a atenção sobre os meus valores distorcidos. Não fiquei envergonhada. Já tinha passado dessa fase de ficar constrangida com a sinceridade dela. O meu

ponto da história não era esse... ou era?

– Não é isso – afirmei convicta.

Suzi balançou a cabeça, sorrindo.

– Na escola, você adorava, em tom de crítica, condenar o comportamento de nossa turma que excluía os menos bonitos, os quietos demais, os gays, os antiquados. Agora, você me vem com essa observação pra lá de preconceituosa... O que quer que eu pense?

Reagi com um estudado ar de indignação.

– Não estou sendo preconceituosa, Suzi! Eu estava só contando uma história...

– Ana, Ana, você não me engana... – Ela sorriu, fechando a revista, sentando-se na minha cama e olhando para mim. – Veja lá, menina. Você nunca teve uma amiga que não se enquadrasse nos seus padrões estéticos: nenhuma feia, nenhuma gordinha e, muito menos, uma fora-de-moda. – Cruzou os braços e me questionou: – Nesse seu mundo perfeito e artificial não tem espaço para os que são diferentes, não, *hein*?

Suzi estava conseguindo me irritar. Meus olhos faiscavam.

– Que mal há em gostar do que é bonito? E você fala de mim, mas nunca vi você namorar nenhum garoto feio.

Ela sorriu de minha raiva. Aproximou-se e me deu um abraço apertado, encostando a sua cabeça rapidamente em um de meus ombros. Soltou um risinho safado. Ela adorava me deixar maluca. Era seu esporte favorito.

– Você é tão bobinha, Ana Paula! Estamos falando de você e de seus sentimentos contraditórios; não de minhas aventuras amorosas... Esse é outro departamento. Entretanto, só para lhe refrescar a memória, não namorei só garotos lindos. Você sabe disso... E de quem eu gostei mais? Do Gustavinho... que nem era bonito. E foi ele quem me deixou. Isso desmonta o seu argumento?

– Ah, tá, tá bom, tinha me esquecido... Mas escuta: não sou preconceituosa, não. Você nunca me viu maltratar alguém por causa da aparência, viu?

– É verdade... Maltratar, não, mas criticar, eu já vi. – Sorriu. – Admito que talvez o que você sinta em relação a essa menina não seja “precon-

ceito”, mas ela deixa você incomodada... E sabe por quê? É a sua profunda necessidade de enquadramento.

Suzi sabia ser sacal quando queria... Ela e o tal professor de Filosofia se dariam tão bem!

– Eu só queria dizer que nunca percebi essa coisa toda que você vê em mim... E ninguém nunca me acusou de ser intolerante, superficial e preconceituosa... Só você.

– Não veja isso como uma acusação, Aninha. É apenas uma observação. Se não for eu a te dizer, quem será?

Ela suspirou e disse:

– Como sou sua amiga, espero que me escute... Ana, essa sua obsessão estética não tem nada a ver.

Fiquei olhando para ela, tentando não sorrir daquele pito sem a menor sutileza. Aliás, não dava para se irritar com ela. A Suzi era apaixonada por essa coisa de “moral da história” assim como vibrava com a punição conferida aos perversos no final dos filmes, com a morte dos vilões nas novelas. Não dava para contestá-la assim como era impossível querer mudar seus pontos de vista.

Quando éramos crianças, ficava admirada com a mania que ela tinha de chorar nos desenhos animados... “Bambi”, “Dumbo” e, por último, “O rei leão”. Isso também nunca mudou. Na última vez que assistimos a um desses filminhos para criança, ela nem disfarçou suas lágrimas. E ela é que me acha bobinha? Rá-rá-rá. Tive vontade de rir.

– Sabe o que eu acho, Suzi? Você está meio deslumbrada com a universidade. Mal entrou e está com esse discurso condescendente, apaziguador, moderninho. Tudo bem! Eu admiro pessoas como você, que querem ser amadas por todo mundo, que evitam ofender alguém, que adoram fazer o papel de “advogado do mundo”... Mas *sorry*! Não fui eu quem inventou as regras. Elas existiam antes de mim e, depois de mim, continuarão existindo.

– Pode até ser, Ana Paula, pode até ser... Mas eu prefiro não endossar seus posicionamentos imaturos.

Eu sorri, debochando de minha amiga.

– Agora eu sou imatura? Puxa... Que ideias você tem a meu respeito...

Tem mais algum adjetivo desagradável para me aplicar hoje?

– Eu só não quero dizer apenas o que você quer ouvir...

– E quem foi que elegeu você a minha consciência crítica, *hein?*

Eu cruzei os braços e fiquei olhando sério para ela. Suzi sorriu de minha raivinha e deitou na cama de novo, com a revista nas mãos, retomando a leitura como se nada tivesse acontecido.

Aquela conversa com a Suzi, mesmo pontuada de brincadeira, havia mexido comigo. Será que eu estava rejeitando a garota apenas por uma questão de preconceito? E por isso, me sentindo desconfortável, pensava nela? Estava, por acaso, vivendo um dilema existencial? Talvez... Mas por que ela me incomodava tanto, mesmo estando longe e me ignorando? E o pior: por que simplesmente não conseguia respirar direito quando ela passava perto de mim?

“Nada convida tanto a
aproximar-se de uma criatura
como aquilo que dela nos separa”.

Marcel Proust (*O Caminho de Guermantes – Em Busca do Tempo Perdido* vol. 3, 2007)

Manuela talvez não fosse a garota mais popular de minha sala, mas era bem conhecida fora dela. Os seus amigos a chamavam de Manu. Não era só um apelido. Era uma marca. Ela era uma espécie de workaholic estudantil. Não parava quieta. Participava do DCE, estava sempre metida em algum movimento de reivindicação. Além de tudo, organizava um projeto cultural no campus, trabalhava em uma ONG. Tinha uma banda. E, como ex-atleta de um time de handebol, aos sábados pela manhã era possível encontrá-la no ginásio da universidade metida em alguma partida.

Naquele dia, entretanto, eu ainda não sabia de nada disso. As aulas tinham começado há quase um mês e eu continuava com meu juízo perturbado.

O motivo continuava sendo ela.

Sentia meu sangue ferver quando a via passar por mim sem me olhar, sem falar nada. Ficava irritada com aquilo. Queria provocá-la, puxar briga, só para ser eu a ignorá-la. Rir por último. Mas estava sendo difícil. Ela não me dava brechas. Droga. Eu que havia criado aquela situação e agora estava incomodada. Afinal, por que me importava...? Só queria acabar com aquele clima. Só não sabia como.

Olhei mais uma vez para a porta da sala.

Como já estava se tornando habitual, fiquei esperando-a chegar. Não demorou muito, Manu entrou. Mochila pendurada em um dos ombros, capacete na mão, óculos grudados nos cabelos negros, fios grossos e cur-

tos. Ela se dirigiu em passadas largas para as últimas fileiras de carteiras da sala. Colocou seus trecos em uma cadeira, sentou-se em outra. Esticou as pernas para frente, cruzou os braços no peito e ficou ali, com aquele ar de desdém. Eu continuava admirada com aquele jeitão moleque, atenta a cada movimento seu. Ela, concentrada. Nem olhava em torno, como se não existíssemos. Ficou a aula inteira com os olhos pregados no professor ou no seu caderno, fazendo anotações. De vez em quando, comentava aspectos da aula com entusiasmo incontido. Eu não entendia como ela poderia se empolgar com um assunto tão desinteressante. Filosofia! Sim, não era um dos meus temas favoritos. Meu pai me mataria se dissesse isso em voz alta, logo ele, um leitor ávido de temas da Filosofia do Direito... Para mim, ainda imatura e fútil, a matéria estava impregnada de conceitos que eu achava totalmente dispensáveis.

Até que tinha simpatia pelo professor. Ele se esforçava em nos fazer entender o pensamento de gente morta há séculos. Gente como o trio ternurinha – Sócrates, Platão, Aristóteles –, que havia frequentado o tema do dia.

– Cara chato! – comentou um aluno, bem baixinho. Olhei em sua direção. Tinha que discordar. Chato, não. Pelo contrário. Santiago mais parecia um paladino da justiça. Isso ficava evidente quando lançava um de seus olhares condescendentes em direção a Manu. Notei nisso uma certa cumplicidade, uma mensagem implicitamente crítica para todos nós. Então, nesses momentos, me dava uma raiva surda por perceber que outros poderiam apoiar comportamentos desviantes como o dela. “Que garota!” Naturalmente, Santiago deve ter ficado impressionado com o fato de Manuela não se mostrar intimidada com a pressão que a envolvia na sala de aula. Mas quem se importaria com isso a não ser um professor com vocação para tecer anacolutos?

– Vocês podem perceber que vivemos um eterno confronto entre modos de vida diferentes. Sim, claro, aqui mesmo, nesta sala, verificamos a existência desse inevitável antagonismo. Reagimos a tudo o que nos parece estranho, ao que pertence à categoria dos indefinidos. Reagimos a tudo o que possa envenenar a ordem com a suspeita do caos.

Foi assim que, no meio do nada, ele começou a destrinchar os con-

ceitos de um tal de Zygmunt Bauman, autor de uma obra “genial” sobre a ambivalência. Palavras dele. Nada tinha a ver com o tema da aula. Mas o professor não iria dar descanso para nossas mentes preguiçosas. Olhava-nos em uma atitude de desafio. Eu pressentia que ele falava nas entrelinhas de nosso comportamento excludente. De nós e de Manu. E ele, com aquele sorrisinho nos lábios, insinuava a “verdade” que evitávamos.

Ah, sim, claro, a turma ficou naquele silêncio absoluto, como se estivesse com o ar suspenso nos pulmões, esperando uma brecha para respirar aliviada, longe dali, daquela situação incômoda. Ou era só eu que estava sentindo isso?

Manuela não parecia estar afetada com aquela história. Como sempre, estava concentrada e tranquila. Percebi, entretanto, pelo movimento no corpo – inclinando-se um pouco para a frente, com a caneta batendo levemente no caderno – que desejava falar. Mas, talvez pensando que não valeria a pena expor-se, não se manifestou. Quem, senão ela, naquela sala, poderia se apresentar como modelo perfeito para aquela situação limite? Sei. Esse constrangimento todo era muito velado e, se assim era, por que se evidenciar?

Das coisas que aprendi na escola (não exatamente na sala de aula, mas nos corredores e no pátio), é que uma pessoa, uma vez estigmatizada, nunca deixa de sê-lo. E sabe que não pode fugir ao seu destino, se esconder. Cruel, não é?

Mas... por que ela não se sentia incomodada com o nosso desconforto? Por que, em vez disso, nos dias da aula de Filosofia, permanecia como se nada a afetasse, tornando nossa rejeição viscosa, material? Por acaso estaria buscando, por insistência, ser assimilada? Obter um pouco de hospitalidade no front inimigo?

Não, Manuela. A garota era um “impávido colosso”. Não queria acordo conosco, da mesma forma que a rejeitávamos ostensivamente. Sentia-me dividida. Por um lado, admirava-a, tentava entender a minha fascinação – o que ela significava de fato; mas por outro, adorava hostilizá-la como os demais de minha turma para, depois, me consumir secretamente em remorso.

– Então, amor, vamos sair hoje?

Ricardo me fazia uma dessas perguntas empolgadas, esperando a resposta mais óbvia: sim. Mas não era o que eu queria.

– Hoje não dá, Cardo. Tenho prova amanhã. Vou para casa estudar.

– Sério?

Ele parecia não acreditar em minha determinação. Ainda bem que não era um cara ciumento, do tipo paranoico. Só nas duas últimas semanas tinha perdido a conta de quantos convites para sair havia dispensado solenemente.

– É... O curso está começando a ficar pesado.

– Não brinca! – Ele me olhou desconfiado, tentando perceber alguma coisa em meus olhos.

Enfrentei seu olhar, sorrindo. Beijei sua boca de leve como se fosse uma espécie de prêmio de consolação.

– A gente sai no final de semana – disse-lhe com a voz doce.

– Mas, Ana Paula, ainda estamos na quarta-feira!

Eu sorri de sua decepção. Alguns meses atrás, Ricardo era tudo o que eu queria em minha vida. Tão interessante, divertido, gentil. Agora que ele estava apaixonado, tinha me desinteressado completamente.

– É, meu amor, vida de estudante é dureza.

– Vem com essa não. Eu também estudo. Aliás, sempre estudei. E nunca dei tanto fora em alguém como você dá em mim. Pô, Ana, a gente nem parece que está namorando!

Eu o olhei convencida de que não sentia nada por ele além de carinho. Ele tinha cruzado os braços e se encolhido com o ar desprotegido. Naquele momento, quase me arrependi por estar sendo tão dura e distante com ele.

– Vem cá, meu amor.

Puxei para meus braços e o beijei profundamente. Olhei nos seus olhos e disse [como se fala para uma criança que está prestes a chorar]:

– Tenha um pouco de paciência, está bem?

Ele assentiu com a cabeça, decepcionado.

Como entender as coisas do coração? Lispector escreveu certa vez que “o melhor ainda não foi dito. O melhor está nas entrelinhas”. Eu não

sabia, racionalmente, o que acontecia dentro de mim. Estava com uma coisa rondando, abafada, querendo sair. Sensações imprecisas, inquietantes, vagando por dentro, como um cachorro vadio que dá voltas em torno do próprio rabo. Sentia que estava perdida, sem portas para abrir.

Então, chegou sábado. Eu tinha ido fazer um programa com um grupo de amigas no shopping: lanchar, assistir a um filme e, depois, esticar em um barzinho com música ao vivo. Lá fora o sol de março brilhava intensamente sobre a cidade. Estávamos fugindo do calor. Ríamos muito enquanto tomávamos cerveja gelada. Éramos quatro: eu, Marcela, Carla e Joana. Todas se conheciam há anos. Suzi não veio. Resolveu fazer um programa com seu namorado e a família dele em um sítio fora da cidade. Estávamos ali, falando besteiras, quando eu vi Manu passar do outro lado da praça de alimentação, carregando pela mão uma criança que deveria ter, no máximo, oito anos. O menino tinha cabelos encaracolados e negros, como os dela. Meus olhos ficaram pregados nos dois. Perdi o rumo da conversa. O copo parado em minha mão. O tempo parou. No que pensava? Esbocei uma desculpa e sai serpenteando as mesinhas, indo em sua direção. Iria abordá-la, dizer alguma coisa? O quê? Não sabia. Não entendia as minhas atitudes. Ela, felizmente, não me viu. Continuou andando com o menino em direção à área de brinquedos. Eu seguia os dois alguns passos atrás. Olhava fascinada para seu corpo se movimentando naquele gingado peculiar. A nuca, as costas, a bunda. Então, subitamente, seu corpo de frio bronze me pareceu diferente de tudo o que havia visto. O cabelo dela ondulado, revoltado, deixava o pescoço a mostra. Então vi a tatuagem que tinha na nuca. Fiquei fascinada por aqueles desenhos enigmáticos. Ideogramas chineses. Eternidade. Soube depois. Era o que queriam dizer. As costas, reveladas por uma camiseta regata justa, denotavam músculos sobre a pele rija. A sua cintura era um tanto estreita. A bunda pequena e redonda. Um conjunto interessante. As pernas eram

longas e grossas, metidas naquele velho jeans desbotado. Tudo naquele corpo atlético, de uma forma estranha, parecia atraente para mim. Estava ficando maluca ou o andar daquela garota estava me deixando excitada?

Era difícil raciocinar. Apenas seguia o instinto. Qual deles? Perguntava-me, insistentemente, por que estava fazendo aquilo. Se eu pudesse voltar atrás e me interrogar seriamente, talvez não gostasse da resposta. Naquele momento, tudo em torno parecia desfigurado pela minha ansiedade, sem nitidez. Na minha frente, a garota mantinha uma conversa amistosa com a criança. Eu, atrás, pensava em como parar aquela loucura.

De repente, minha respiração ficou curta. Comecei a arfar. Meu coração acelerou de forma desesperada. A excitação pelo proibido me dominou. Nunca antes tinha me sentido assim, rompendo uma barreira inexpugnável, nem mesmo quando saía de casa escondida para me encontrar com meus namorados longe da vigilância dos meus pais. Nem mesmo quando experimentei substâncias proibidas. Muito menos, quando tive a minha primeira transa.

Sentia nitidamente, dominada por aquelas sensações nebulosas [de que estava prestes a fazer algo que alteraria minha vida profundamente]. Não sabia exatamente o quê. Não podia determinar. Por dentro, minha cabeça era como um pedaço de madeira flutuando no oceano. Tudo era muito vago e impreciso. Meu corpo, em sobressalto, agitado. Fazia frio? Eu tremia violentamente.

Observei atentamente seus contornos, como se fosse pela primeira vez. E de algum lugar de meu cérebro saiu uma descarga de energia, rasgando por baixo de minha pele, mergulhando nas minhas entranhas. Fiquei estática e hipnotizada. Meu corpo, eletrizado, desejou acompanhá-la durante todo o seu trajeto, colar-se nela, trocar algumas palavras sussurradas. Estanquei aquelas sensações de imediato, aturdida comigo mesma. Pensei no ridículo que fazia e no desejo que experimentava. Era tarde demais. Senti minha mente arrastada inexoravelmente para dentro de um mar em convulsão. Queria ser Drummond para me certificar, afinal, de que “eterno é tudo aquilo que dura uma fração de segundos, mas com tamanha intensidade, que se petrifica, e nenhuma força jamais o resgata”.

– Você demorou... – Marcela arqueou as sobrancelhas em minha direção.

– Errr... Acabei encontrando uma conhecida e ficamos de papo – menti. Carla me lançou um olhar repleto de incredulidade.

– Você está branca. Parece que viu fantasma.

Eu balancei a cabeça, virei o conteúdo de meu copo na minha boca sedenta. Balbuciei num fio de voz:

– É, eu vi um fantasma.

Marcela tocou minha mão e perguntou:

– Você está realmente bem?

– Gente, não é nada de mais. É só uma vertigem. Logo passa.

Eu não conseguia dizer a verdade. Estava mal, muito mal, mais do que poderia admitir. O mal, entretanto, era a verdade que se esgueirava, impertinente, por entre as justificativas que tentava usar para aplacar minha angústia.

Emendei logo uma conversa fútil, fingi um sorriso, um esgar. Se Suzi estivesse ali, ela saberia...

Perguntei, desviando os olhos delas sobre mim:

– Então, ao que vamos assistir hoje?

De imediato elas começaram vasculhar a programação em um panfleto do shopping e discutiam acaloradamente entre si a melhor opção. Meu pensamento, entretanto, estava em Manuela e, por dentro, alguma coisa indefinida me doía.

Na semana seguinte, na universidade, ainda me sentia mal. Ondas de angústia se misturavam às dúvidas. O medo assolava meu corpo. Mil questionamentos me assaltavam o pensamento. Estava me sentindo perdida. Mesmo assim, quis ir confrontar meus mais íntimos receios e participar daquele evento que discutiria o homoerotismo na Literatura. O auditório estava lotado. Burburinho, microfones sendo testados; gente entrando, se acomodando nas poltronas. Em frente, uma mesa rodeada de cadeiras vazias. Manuela se posicionando no púlpito, anunciando a abertura da palestra.

Entrei no auditório sentindo o peso do mundo nas costas. Eu não conhecia ninguém ali, a não ser Manuela. Eu estava completamente constrangida, imaginava se as pessoas me apontariam os dedos, identificando-me como mais uma “invertida” a somar-se ao bando. Meu corpo era todo vergonha. Sentia os músculos retraídos, os dentes rangendo, os arrepios na pele. Não podia me controlar. Nem mesmo fugir. Estava irresistivelmente atraída por aquele lugar.

O que estava fazendo ali, afinal de contas? Tinha visto o cartaz sobre o evento espalhado pela universidade. Depois de ter ficado horas a fio olhando o panfleto da programação, decidi ir. A tal palestra integrava uma série de outras inseridas na Semana de Ciências Sociais, o curso de Manu. Ela coordenaria aquela atividade. O assunto, por si só, me deixava tensa. A plateia amplificava minha sensação de inadequação. Todos pareciam bem, menos eu. Minhas mãos, agitadas por imperceptíveis tremores, prendiam-se nos braços da poltrona. Quando parecia ter me controlado, lancei meu olhar curioso em torno. Meninas, semelhantes a Manuela, sentavam-se aos bandos; meninas como eu, também. Garotos efeminados e, outros, nem tanto, também estavam acomodando-se no

espaço. Todos nós misturados a *drag queens* e travestis. Lembrei-me da folia do carnaval de rua, em Olinda. Homens vestidos de mulher. Um grupo deles, ostentando roupas excêntricas, preparava-se para uma apresentação antes do debate. Quem cantaria “I will survive” hoje? Ah, preciso controlar minha ironia. Droga! Sentia-me perdida, angustiada. O que estava fazendo ali? Controlava o ímpeto de ligar para a Suzi e pedir que ela me fizesse companhia. Tinha medo de estar só ali, em meio a tanta gente desconhecida. Mas o que diria a ela? Que estava metida entre os gays? O que ela pensaria de mim?

Algumas garotas me observavam e cochichavam entre si. Aquilo era uma paquera? Nunca senti tanta vergonha. Evitava olhar para os lados. Queria me tornar invisível. E se alguém viesse me questionar? E se alguém da turma me visse? Só Manuela parecia não ver. E se me visse, continuaria a me ignorar? Ela estava totalmente envolvida com a organização do evento, dando comandos a uma pequena equipe. Ela estava tão... atraente? Meus olhos estavam hipnotizados, focados nela. Foi quando a ouvi falar, em tom sério e compenetrado:

– O genial mineiro Lúcio Cardoso, um dos maiores escritores da nossa literatura, autor de “Crônica da Casa Assassinated”, além de poeta, foi também cineasta e dramaturgo. Ele disse, certa vez, que “o que ocultamos, é o que importa, é o que somos”. E é sobre o que ultrapassa o limite do dizível e do nominável que trataremos na palestra de hoje.

Manuela falava daquela espécie de “amor que não ousa dizer o próprio nome”. Não conseguia tirar os olhos dela. Meu coração palpitava.

A mesa estava sendo composta. Alguém falaria sobre homoerotismo; e o principal expositor, Antônio Luís, vinculado a um grupo de pesquisa sobre homossexualidades, abordaria a literatura gay e lésbica no Brasil.

Quarenta minutos depois, o homem estava ao microfone, dominando a cena.

– Em nosso país, a obra de conteúdo homossexual transitou durante décadas de forma subterrânea nos guetos e se arrastou para fora dele devido a força de um mercado que se tornou cada vez mais evidente.

O conferencista começou citando o caso do “Lampião da Esquina”, um jornal porta-voz dos gays brasileiros que foi publicado entre 1978

e 1981, reunindo nomes como Aguinaldo Silva, Peter Fry, Jean Claude Bernadette e João Silvério Trevisan.

– Trevisan é o autor do fundamental “Devassos no Paraíso”, publicado em 1986, e que traça a história da homossexualidade brasileira dos tempos coloniais aos nossos dias – disse, passando a mão nos cabelos, e continuando: – Na introdução desse estudo, que hoje é um clássico, Trevisan fala do homossexual como alguém que instaura uma dúvida, “algo que afirma uma incerteza, que abre espaço para a diferença e que se constitui em signo de contradição frente aos padrões da normalidade”.

Eu estava com minha respiração em suspenso. Aquele assunto, carregado de erotismo subjacente, estava me deixando arrepiada. Olhava Manuela, com seu corpo esguio – como uma estátua grega –, em pé, compenetrada, toda séria. Eu me sentia como uma âncora, presa àquela poltrona, sem ter forças para me mexer.

Senti um leve toque no braço. Um cochicho:

– A minha amiga quer saber se você é entendida...

Levei um susto. Um rapaz de aspecto delicado me olhava sorrindo.

Eu balancei a cabeça. Meu olhar espantado dizia tudo.

– Eu não sou lésb... – Aquela palavra travou na minha boca. Respirei fundo.

Respondi baixinho, sem convicção:

– Estou aqui por causa de uma pesquisa...

O tom tenso me denunciaria?

– Ah, não tem problema – o rapaz sorriu, fingindo estar decepcionado. – Quer dizer, é uma pena. Pelo menos, para a minha amiga ali, tadinha.

Deu uma risadinha e apontou os olhos em direção oposta. Bateu de ombros e meneou a cabeça. O sinal era dirigido para uma garota que, de longe, esperava uma resposta. A menina deveria ter a minha idade. Uma gracinha. Sorriu para mim. Eu desviei o olhar, aturdida. Afundei o corpo na poltrona. Evitei olhá-la. Meu Deus, queria ir embora dali.

Ouvi Manuela abrir o microfone para as perguntas do público.

Olavo Júnior, um jovem professor de Literatura, levantou uma questão:

– Antônio Luís, seria interessante lembrar que esse gênero é marcado, no Brasil, pela censura. Caso clássico é o “Bom-Crioulo”, do cearense

Adolfo Caminha, considerado o primeiro romance no mundo a abordar – sem reservas – o amor homossexual.

Ele explicou, em poucas palavras, que a publicação do livro suscitou escândalo e controvérsia. No final da década de 1930, a Marinha solicitou e obteve do presidente Getúlio Vargas o embargo de uma nova reedição, e só noventa anos depois da primeira edição que o livro voltou às livrarias.

Antônio Luís sorriu.

– É verdade. Caminha escandalizou porque falava de algo que se queria que continuasse velado.

O conferencista esclareceu que Caminha, ao narrar o envolvimento amoroso entre dois marinheiros, um deles negro, partia de informações obtidas de depoimentos prestados em audiências jurídicas com casos de “sodomia” registrados na Marinha e no Exército.

– A homossexualidade era um assunto absolutamente constrangedor para a sociedade da época que tinha na carreira militar o corolário de um ideal de masculinidade.

Novas intervenções.

– Eu gostaria que o senhor falasse um pouco sobre a literatura voltada para as lésbicas no Brasil.

A questão era proposta por uma moça de cabelos presos a um rabo-de-cavalo e aparelho nos dentes. Sorridente e muito à vontade no microfone, ela foi aplaudida pelas mulheres que estavam na plateia. Ela agradeceu a ovação com um gesto e voltou a sentar.

Como ela podia ficar tão à vontade sabendo que todos sabiam sua orientação sexual?

– Ah, sim. Temos muitas histórias circulando fora dos meios acadêmicos e das editoras. Nos anos de 1960 e 1970 falou-se muito da escritora Cassandra Rios, que vendia em média trezentos mil exemplares anuais. Ela, por descrever cenas amorosas entre mulheres, foi muitas vezes intimada a comparecer perante juízes e delegados, acusada de atentar contra a moral e os bons costumes.

Cassandra Rios? Nunca tinha ouvido falar... Na dúvida, anotei o nome dela em meu bloquinho.

Novas perguntas e o conferencista porfiou a sua rala barba.

– Há um parco material acadêmico sobre o assunto. Devo citar a dissertação de mestrado de Érica Renata de Souza, uma análise de gênero na obra de Radclyffe Hall, e a dissertação de Maria José Ramos Vargas, que aborda a linguagem de amor entre mulheres na literatura brasileira. A produção literária é igualmente incipiente. Há muitas obras no prelo, no momento. Uma delas acaba de ser lançada: “Preciso te ver”, de Stella Ferraz. E, há pouco tempo, li um livro excepcional, lançado ano passado: o denso “Duas Iguais”, de Cíntia Moscovich.

Eu anotei rapidamente o título dos livros e o nome das autoras. Claro que iria procurar nas livrarias da cidade. Enquanto me ocupava com o meu pequeno bloco de anotações, Paulo Antônio continuava a falar:

– Todos sabem que Caio Fernando Abreu, autor de “Morangos Mofados”, nunca escondeu sua homossexualidade.

O conferencista, entre uma pausa e outra, ainda citou o romance entre a poeta norte-americana Elizabeth Bishop e a arquiteta brasileira Lota de Macedo Soares, registrado em cartas e no livro “Flores Raras e Banalíssimas”, que Carmen L. Oliveira publicou em 1995.

– Aliás, no romance “O Grupo”, de 1963, de Mary McCarthy, a baronesa lésbica é inspirada em Lota.

Uma mulher de mais ou menos trinta anos lançou outra pergunta:

– E o que me diz da ausência de publicações voltadas para este público no Brasil?

Antônio Luís deu um suspiro antes de continuar:

– Há muita gente escrevendo, mas há poucas editoras publicando. É mesmo uma contradição, considerando que estamos falando de um público-alvo bastante amplo. Assim, proliferam produções alternativas. Há muita gente publicando contos gays e lésbicos por aí, na internet, inclusive. Falta apenas sistematizar essa produção, sem entrar no mérito de tentativas como das edições GLS, da Summus Editorial, e do selo Aletheia, da Brasiliense. Ainda é muito pouco.

A conversa rendia. Perguntas, respostas. E eu ali, fascinada, metida no meu medo, excitada pelas novidades. O debate ainda não tinha encerrado e saí sorrateiramente. Antes que Manu me visse. Fiquei com a frase densa e reveladora atribuída a Lúcio Cardoso me chacoalhando o

cérebro: “a profundidade da sensualidade é espantosa, é como um caminho sem fim. Mas caminho perfeitamente igual nas suas linhas, nas suas curvas, nos seus processos, como um vasto corredor que atravessássemos, mostrando a mesma paisagem sem surpresa”.

Como seria ter um caso com alguém do mesmo sexo? A pergunta ficou pulsando em minha mente. Lembrei-me de ter tremido com a celebração do amor ambíguo em “Grande Sertão: Veredas”. Como não? Guimarães Rosa fez o confuso jagunço Riobaldo amar secretamente seu jovem parceiro Diadorim, sem saber que ele, na realidade, não passava de uma mulher masculinizada.

Então, o que seria amar alguém assim?

Refletindo, posso dizer que naquele momento não pensava seriamente no amor, em relacionamentos, em fazer planos. O amor, para mim, não tinha qualquer substância material. E, aos dezoito, não acreditava que esse sentimento embrulhado em falácias românticas existisse fora do cinema ou da literatura. Olhava-me e identificava o retrato dessa apatia. O sentimento que eu sentia por Ricardo, tão forte e intenso no início, jazia esmaecido. Não amor, mas uma manifestação dos hormônios, da confusão química – paixão voraz e passageira que muitos reduzem a um conjunto de palavras ditas de forma superficial enquanto se está com alguém. Esse mesmo sentimento intenso e fugaz que se mistura ao sabor da saliva, ao atrito dos corpos; uma mera extensão da linguagem de pele sobre pele, à umidade do sexo; uma simples terminologia que pode ser aplicada sem que se faça disso um sacrilégio. Podia errar. Era o momento de fazer escolhas erradas, de pagar para ver.

O amor que eu não conhecia (e que não desejava possuir) pouco tinha a ver com a ideia de felicidade eterna, algo perfeito e inatingível. Careta demais. Não, não mesmo. Seja lá o que o amor fosse, ainda não o desejava. Não naquele momento.

Claro que eu pronunciava aquela frase mágica (“eu te amo”). Mas falava sem convicção e sem acreditar que tais palavras pudessem me transformar por dentro em alguém diferente. Estava longe de sofrer uma revelação. O “eu te amo” era uma fantasia que murmurava para me sentir feliz.

O amor...

Ah, claro. Mas não era em amor que pensava naqueles dias em que mergulhava a cabeça em dúvidas e angústias. Era em Manuela. Não sabia exatamente o significado daquela atração... (o que eu sentia era atração?!). Sentir aquela tormenta agitando o corpo me deixava transtornada, sem saber o que fazer, que remédio tomar. Banhos frios não adiantavam. Já tinha experimentado.

E Ricardo? Por que estar com ele não resolvia aqueles sentimentos que se multiplicavam igual a ervas daninhas depois do temporal?

Eu pensava, pensava, e não resolvia o dilema.

Quando foi que $2 + 2$ resolveu não ser 4? Em que momento havia perdido a noção da realidade? Meu Deus! O corpo de Manuela me provocava arrepios... Eu me pegava ouvindo Djavan e pensando nela, na sua boca, na sua voz. Eu tinha sonhos eróticos inconfessáveis, sem enredo e diálogos. Eram apenas beijos, longos e úmidos beijos... A necessidade de vê-la estava me consumindo. Então, o que era aquilo? Definitivamente, não era amor. Parecia... paixão? Eu estava apaixonada por uma mulher? Não queria admitir...

Suzi me arrancou de meus devaneios:

– Você está muito estranha, Ana Paula.

– Não é nada.

Convencer-me disso é que seria impossível. Depois do debate – aquele sobre literatura gay e lésbica – estava encurralada entre sentimentos contraditórios. O que Manuela significava realmente para mim? Não queria aquelas respostas óbvias... Procurava outras que pudessem me confortar, me dar alento.

– Você anda triste, pensativa. Nunca te vi assim... – Ela me lançou um daqueles olhares investigativos: – Você está com algum problema?

Não correspondi ao seu olhar, mas sabia que seus olhos estavam so-

bre mim, procurando respostas. Ela me conhecia tanto... Era difícil não falar o que sentia para ela, minha eterna confidente. Não sabia o que dizer. Poderia falar por horas sem me deter nos motivos dessa dor que me assolava por dentro. Se falasse tudo, será que ela me entenderia?

– É o Ricardo? Está acontecendo alguma coisa entre vocês?

Sim, de fato acontecia. Eu não sentia mais nada por ele. De repente, o tesão tinha evaporado. Não suportava mais dar beijos nele e, muito menos, a ideia de tê-lo sobre mim. Fugia.

– É difícil explicar...

Meus olhos angustiados diziam muito mais do que minhas palavras. Suzi entendia.

– Você não gosta mais dele?

Não era bem uma pergunta, mas uma constatação. Balancei minha cabeça afirmativamente. Ela me abraçou, fazendo um carinho. Estava sofrendo incrivelmente. Não era por Ricardo. Algo dentro de mim consumia minha antiga alegria.

– Você já conversou com ele?

Quando falei, meu olhar estava infestado de angústia:

– Não tive coragem. O Cardo gosta muito de mim, me faz cobranças. Não posso simplesmente chegar pra ele, depois de um ano de namoro, e terminar de uma hora para outra. Não quero magoá-lo...

Suzi fez uma cara de “eu entendo”. Pegou minha mão e apertou com carinho, me abraçou de um jeito que só ela fazia. Eu sentia o seu carinho por mim atravessar os poros.

– O Cardo é um sujeito bacana. Vai entender se você explicar o que está sentindo.

– Sim, claro. Ele vai me odiar!

– Calma, Ana. Eu já tive umas fases assim de não sentir nada pelo Júlio. E passou. Quem sabe com você...

– Eu gosto muito dele, Suzi, só que não dá mais! Estou me sentindo vazia... nada faz sentido.

Meu tom era desesperado. Suzana tentava temporizar.

– Ana, eu sei que o amor não é estático. Ele se transforma com o tempo. Mas essa coisa de paixão tem prazo de validade. Um dia termina. Sim-

plesmente acontece. Quem pode te condenar, não é?

Meus olhos se encheram de lágrimas.

– Não chore... Vamos tentar encontrar uma saída. – Ela me abraçou forte. – Quer que eu converse com ele? Posso tentar amenizar a situação...

– Não, Suzi, obrigada, mas isso eu mesma devo fazer.

Passei a mão nos olhos e estanquei as lágrimas. Suzi me olhava com aquela ponta de suspeita. Não estava entendendo minhas reações. Era realmente inédito. Eu sempre estive em alta rotatividade com os garotos. Nunca fiquei angustiada por terminar com alguém. Era sincera e forte o suficiente para enfrentar as crises que vinham pela frente. Ah, claro, mas enfrentava um problema de outra natureza ali. Estava enredada em uma imensa teia de significados. Não apenas Ricardo passou a não me excitar mais: Manuela não me saía da cabeça. Aquela garota insuportável tinha conseguido me aprisionar em seu labirinto. Eu tentava sair e me perdia. Não conseguia me livrar de sua imagem. A sua voz me provocava arrepios. Tinha desejos estranhos. Reprimia. Mas nos sonhos...

– Eu não sei o que está acontecendo comigo...

Ela suspirou. Abraçou-me mais forte.

– Prometa-me que vai ficar bem.

– Eu estou tentando, Suzi, mas está difícil.

Ela suspirou. Fiquei na expectativa do que iria me perguntar. A Suzi me interrogava com os olhos.

– Não estou entendendo muito bem uma coisa, Ana. Se você não gosta mais de Ricardo e quer terminar, o que é que está pegando? Você nunca foi assim...

Eu apertei a mão de Suzi. Ela me fitou nos olhos com uma expressão preocupada.

– Tem mais alguma coisa?

Não, ela não podia saber. Desviei meus olhos. Ela não podia suspeitar que existia Manuela.

– Não, nada, só isso.

Eu estava mentindo.

PARA ADQUIRIR O LIVRO,
ACESSE:

WWW.EDITORAVIRALETRA.COM.BR

